

Vera Rudge Werneck *

Quanto mais se avolumam os problemas, quanto mais os debatem os economistas, quanto mais discutem os políticos e mais se constata a famosa crise em todos os setores da vida brasileira, mais avulta a questão da educação.

Mais do que nunca é preciso refletir sobre o desenvolvimento do homem de maneira a se estabelecer parâmetros, referenciais, instrumentos de medida que permitam uma avaliação da real situação da educação no país.

De início, cabe aqui uma distinção: O que se quer medir? O que se quer avaliar? A instrução ou a educação? Pois são aspectos diversos que exigem referenciais específicos.

Por instrução, pode-se entender a aquisição de conhecimentos e a capacidade de, sobre eles, fazer uma avaliação e de utilizá-los adequadamente.

Estaria a escola, no nosso momento histórico, como fonte primeira da instrução formal, ministrando conhecimentos aos seus alunos de modo a levá-los a um crescimento humano, a uma vivência mais plena da cultura e da cidadania? O conhecimento das humanidades, das ciências e da tecnologia está sendo transmitido de maneira a não apenas permitir ao aluno galgar a universidade mas a

ajudá-lo a participar efetivamente da cultura e da civilização de seu tempo?

Essas são questões para pedagogos e professores em geral, que, tomando como padrão não só o maior conhecimento mas a capacidade de empregá-lo, podem estabelecer, de acordo com as contribuições da psicologia da aprendizagem e da psicologia do desenvolvimento, objetivos e normas para o aperfeiçoamento do ensino. Essa é uma tarefa não para burocratas representantes do poder, mas para a comunidade científica.

Como condições para que possam cumprir tal incumbência tem-se a liberdade de pensamento e o real desejo de excelência e de aprimoramento científico que deve sempre caracterizar essa comunidade.

Qualquer tentativa de padronização redundante sempre em retrocesso, em acomodação e cristalização que freia o progresso da ciência e dificulta o avanço tecnológico.

Pode-se mesmo afirmar que a liberdade de pensamento, a liberdade de pesquisa, de busca, de interpretações criativas é fundamental para o avanço do conhecimento humano.

Contra essa afirmação estão aqueles que consideram que tal postura leva à confusão, ao nivelamento por baixo, ao rendimento desigual e insuficiente, ao aproveitamento, por parte dos menos capazes, do privilégio de expedir diplomas, de premiar o

superficialismo, a ignorância, o menor esforço e até mesmo o erro.

Sim, essa crítica pode ser em alguns casos procedente mas não por deficiência da instrução mas da educação. Ao admitir-se a possibilidade dessa atitude pouco científica e menos honesta por parte de alguns responsáveis pelo ensino no país está-se constatando uma falha na área da educação.

Considere-se educação o processo de hierarquização de valores que leve o indivíduo a constituir e a justificar sua própria escala de valores.

A função das instituições educacionais nos seus diversos níveis não é apenas a de transmitir a instrução e integrar o indivíduo na sociedade produtiva mas especialmente a de promover-lhe a própria educação.

Confunde e deixa perplexo ao observador a constatação de que nações que atingiram um alto nível de desenvolvimento escolar se deparam com problemas tão sérios de despreparo para o viver, de desorganização de pensamento, de falta de critérios de valores que se traduzem na opção pela droga ou por outras atitudes de deserção diante da vida. Note-se que esse problema assume hoje, em países de alto grau de escolarização tanto quantitativo quanto qualitativo, proporções que justificam a intervenção dos governos por constituírem ameaças à segurança nacional.

Como entender tal fenômeno, uma vez que houve a tão almejada alfabetização, a instrução ou pelo menos as condições para que ocorresse, muitas vezes até em nível universitário, o desenvolvimento tecnológico? O que teria faltado? Ou será que o objetivo de todo o processo educacional se limita a dar os meios para a sobrevivência, mas não as razões para ela?

Não se está aqui defendendo a não escolarização, o analfabetismo e a ignorância como meios de manutenção do povo passivo e acomodado. Está-se simplesmente querendo mostrar que a questão da educação não se limita à construção de prédios, de melhoria das condições de saúde e de higiene, que seriam, em certa medida, apenas pré-requisitos para ela, que não se reduz à solução de problemas econômicos e administrativos.

É um processo que passa por opções éticas, que exige posicionamentos filosóficos e reflexão sobre os valores humanos.

O êxito de um sistema educacional é medido pela própria vida. É o modo de viver, de enfrentar os obstáculos, de superar as dificuldades que mostram o seu sucesso ou o seu fracasso.

A escola quando dissociada da vida perde sua razão de ser.

Seu bom funcionamento se manifesta na mais aperfeiçoada organiza-

ção social, na maior motivação para viver e trabalhar, no empenho pela dignidade humana, no desejo de crescer e progredir.

Há, ao contrário algo de falho em seu desempenho quando prevalece na sociedade o desânimo, a falta de razões para viver, o abandono da perspectiva ética que leva ao aproveitamento imediato à exploração, ao desrespeito, à repetição de slogans, ao rebaixamento moral.

Chega-se então à importância do professor como aquele que não só manteve transmite conhecimentos, mas como o que propõe uma escala de valores inclusive o valor do conhecimento como criação, como processo de humanização do homem e da natureza.

Investir em educação pode ser secundariamente proporcionar bibliotecas, laboratórios, oferecer um instrumental que facilite a aprendizagem mas, primária e basicamente, investir em educação é investir no professor, aprimorando-o, estimulando-o, valorizando sua profissão. É levá-lo a tomar consciência da sua responsabilidade social, da importância da sua função.

Investir em educação é investir no homem incumbido da formação do homem do futuro.

* Professora de pós-graduação da Universidade Gama Filho, diretora do Colégio Padre